

OPINIÃO SOCIALISTA

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial



Nº632
De 31 de março
a 14 de abril
Ano 23



LUTAS

A voz da indignação nas greves e nas ruas



Páginas 6 e 7

PRÉ-CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA

VERA

será a voz socialista nas eleições

Páginas 8 e 9

INTERNACIONAL

Todo apoio à resistência do povo ucraniano



Páginas 14 e 15

POLÊMICA

A crise do PSOL e os partidos 'anticapitalistas'

Páginas 10 e 11



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



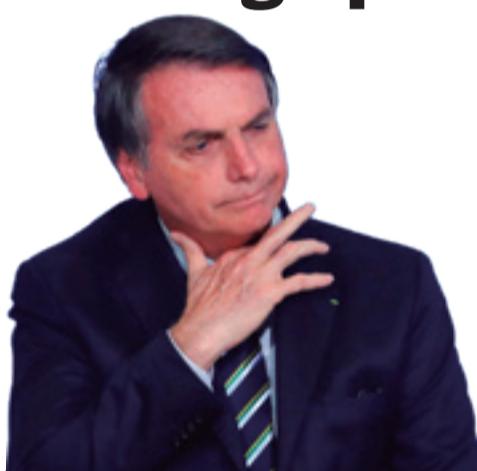
DAS MATERIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“ Boto minha cara no fogo pelo Milton Ribeiro ”



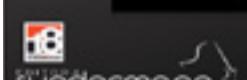
Bolsonaro, sobre o ex-ministro da Educação pego na gravação onde confessa esquema de corrupção operado por pastores

PROMOÇÃO

LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER!
DITADURA NUNCA MAIS!



70% DE
DESCONTO!
DE R\$40,00
POR R\$ 12,00



www.editorasundermann.com.br

(11) 98649-5443

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

'ME SINTO OFENDIDO'

Sertanista devolve condecoração em protesto contra Bolsonaro

O sertanista Sydney Possuelo, ex-presidente da Funai, devolveu a Medalha do Mérito Indigenista, que recebeu há 35 anos. O gesto foi em protesto à concessão da honraria ao presidente Jair Bolsonaro (PL), que em várias oportunidades se colocou contra os direitos dos povos originários, defendendo a tese do marco temporal e a garimpagem em terras indígenas. Possuelo foi ao Ministério da Justiça protocolou a devolução da honraria, mas também para deixou uma carta endereçada ao ministro Anderson Torres. O sertanista afirmou que se sentiu “ofendido” ao receber a mesma homenage



gem entregue a alguém que, segundo ele, faz campanha contra a demarcação e propõe a mineração dentro das terras indígenas e lembra que os povos autóctones foram vítimas de atrocidades. Possuelo viveu por mais de 50 anos na selva

amazônica. Por ser uma das maiores autoridades do país em povos isolados da região, quando presidiu a Funai promoveu uma série de ações para proteger essas comunidades de atividades, inclusive proibindo novos contatos.

ESCÓRIA

Youtuber acusado por assédio sexual explorava crianças por likes

Um reportagem da TV Globo revelou trechos da gravação de um vídeo em que o vereador bolsonarista Gabriel Monteiro explora uma criança para ganhar ‘likes’ na internet. Monteiro é da Polícia Militar do Rio de Janeiro e vereador da capital. De acordo com ex-assessores, o vereador do Rio, ex-policial e youtuber Gabriel Luiz Monteiro de Oliveira (sem partido) publicou em suas redes sociais “vídeos forjados”. Entre essas gravações, estão alguns em que aparecem diversas crianças, que ele “entrevista” e publica em suas redes sociais com certa frequência. “O que mais



doia era quando ele pedia para a gente forjar histórias com pessoas humildes”, diz ex-assessor parlamentar de Gabriel Monteiro. Os assessores também acusam o youtuber por assédio sexual. “Toda vez ele

ficava descendo a mão. Cansei de passar a mão na minha bunda. Eu segurando a mão dele. Queria tirar a minha vida (...) Eu me sentia culpada”, disse um assessor ao programa Fantástico.



Cala boca já morreu, Bolsonaro!

O coro de “Fora Bolsonaro” não pôde ser calado pela medida autoritária do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que, a pedido do partido do presidente, tentou impor uma censura ao festival Lollapalooza, em São Paulo. A verdade é que esse coro expressa um descontentamento crescente, reflexo da carestia e da enorme crise social que só se aprofundam cada vez mais.

Essa crise mostra que o problema não foi só a pandemia. O problema é uma política neoliberal que está destruindo e entregando o país, aumentando cada vez mais a exploração e a barbárie em prol dos super-ricos, do imperialismo e dos banqueiros. Gente para a qual Bolsonaro trabalha.

O autoritarismo de Bolsonaro não é suficiente, porém, para estancar a crise no governo. Só nesta semana foram duas baixas importantes. Uma do ministro da Educação, Milton Ribeiro, exonerado após a revelação de um esquema de desvio de verbas do MEC, intermediado por pastores amigos de Bolsonaro. A outra baixa foi a do presidente da Petrobras, general Silva e Luna, após o mega-aumento dos combustíveis e do gás.

Em ambos os casos, porém, as demissões foram para tentar dar uma resposta enganosa à corrupção e ao aumento num ano eleitoral. Mas nada vai mudar. Esse governo já mostrou que é um antro de corruptos e milicianos. E Bolsonaro já reafirmou que não vai mudar a política de preços da Petrobras,



a mesma que significa aumentos cada vez maiores para o povo e lucros cada vez mais gordos a meia dúzia de acionistas da empresa.

Fechávamos esta edição às vésperas do 58º aniversário do golpe militar. Data sempre esperada pelo bolsonarismo para reafirmar seus

valores autoritários. Num momento como este, é preciso sempre dizer bem alto: Ditadura nunca mais! Cala a boca Bolsonaro!

LUTAS

A voz dos trabalhadores nas greves e nas ruas

A onda de greves e manifestações que atravessa o país mostra a disposição de luta que fervilha por baixo, contra a crise e os ataques por parte de Bolsonaro, governos estaduais e municipais.

O Rio de Janeiro vive uma verdadeira onda de greves, com a dos garis à frente, que vem agitando a capital. A repressão do governo de Eduardo Paes não está sen-

do suficiente para acabar com a mobilização, que se intensifica.

Repressão também enfrentada pelos professores de Belo Horizonte. Até em Belém, a Prefeitura de Edmilson Costa, do PSOL, ataca os servidores e reprime manifestações contra o aumento da tarifa do ônibus.

A onda de indignação, porém, não pode ser contida e se espalha. Os trabalhadores de aplicativos or-

ganizavam um novo “apagão” no dia 1º de abril. Na região de São José dos Campos (SP), operários da Avibras estavam acampados em frente à empresa contra a demissão de 420 trabalhadores. Os servidores federais, por sua vez, também se mobilizavam contra o arrocho.

Era o momento de aproveitar essa onda de lutas e unificá-las numa grande mobilização contra

os governos e, principalmente, pelo “Fora Bolsonaro e Mourão”. As direções, porém, que durante todo esse mandato atuaram para puxar o freio de mão, agora tentam canalizar as lutas para as eleições, chamando um dia de lutas para o 9 de abril sob o lema “Bolsonaro nunca mais”.

A CSP-Conlutas reafirmou que irá às ruas por “Fora Bolsonaro

e Mourão já”, pois a única forma de deter os ataques é pela ação direta para derrubar esse governo, impondo uma saída dos trabalhadores e socialista. Como diz o dirigente da CSP-Conlutas e do PSTU, Luiz Carlos Prates, o Mancha, “a paciência acabou, temos que chamar a unificação das lutas rumo a uma greve geral que derrube o governo já”.

FALA VERA

A importância de uma pré-candidatura operária e socialista

O PSTU apresentou, como proposta ao Polo Socialista e Revolucionário, sua pré-candidatura à Presidência.

Muitos trabalhadores pensam que vamos tirar Bolsonaro pela via eleitoral e pronto. Queremos, como todo mundo, tirar Bolsonaro já, aliás, podemos derrubá-lo pela luta. Mas, ao mesmo tempo, não podemos hipotetizar nosso futuro a qualquer projeto, e assinar um cheque em branco.

Temos o direito e o dever de definir que projeto de país queremos.

Não adianta apenas tirar Bolsonaro e seguir com um projeto que mantenha a desigualdade social.

O que devemos oferecer à classe operária, aos trabalhadores, ao povo pobre, à juventude, aos indígenas, LGBTIs, negros e negras, mulheres, como alternativa a esse desgoverno?

Os governos do PT nem acabaram nem diminuíram qualitativamente a desigualdade. Ao contrário. Os ricos ficaram mais ricos e mais de 50% do povo continuou sem saneamento bási-

co. Um governo de unidade nacional, PT-PSDB, vários partidos da burguesia e do centrão, não vão mudar o país.

Para atender os milhões de trabalhadores que estão no subemprego ou mesmo no desemprego, é preciso revogar por completo a reforma trabalhista. É preciso, da mesma forma, revogar a reforma da Previdência.

Para criar empregos é preciso reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários. E não dá para fazer isso sem enfrentar os interesses dos

grandes empresários. Para dar um jeito na educação, na saúde e nos demais serviços públicos que estão à míngua, é preciso investir de forma maciça, e isso é impossível sem romper com a dívida pública e atacar os grandes banqueiros.

Não dá, no mesmo sentido, para enfrentar a inflação dos combustíveis e do gás sem a gente retomar por completo a Petrobras, reestatizando a empresa sob controle dos trabalhadores.

Enfim, para a gente mudar de verdade, é preciso outro projeto de país, socialista, que coloque nossa economia não para enriquecer ainda mais os super-ricos, mas para gerar emprego, acabar com a fome e dar dignidade à nossa classe. É a esse objetivo que está a nossa pré-candidatura.

É para dizer aos trabalhadores e à juventude que só uma revolução socialista que coloque o rumo do país nas mãos dos trabalhadores pode mudar de fato essa realidade.

ESCÂNDALO

Pastores recebiam dinheiro da Educação a pedido de Bolsonaro

Ministro da Educação cai depois de confessar que as verbas do MEC deveriam ser priorizadas a lugares indicados por dois pastores, por um “pedido especial do presidente da República”

DA REDAÇÃO

Quem não se lembra dos programas de TV em que Silvio Santos, ao anunciar alguma premiação, exibia uma maleta repleta de barras de ouro que “valem mais do que dinheiro”? Pois é, a turma do Ministério da Educação do governo Bolsonaro também se lembra, pois essa era uma das propinas exigidas para a liberação de verbas às prefeituras.

O escândalo de corrupção derubou Milton Ribeiro, que se tornou o quarto ex-ministro à frente do MEC só neste mandato. O caso explodiu após revelação, pela Folha de S. Paulo, de um áudio em que Ribeiro confessa que as verbas da educação deveriam ser prioriza-

das a lugares indicados por dois pastores, por um “pedido especial que o presidente da República fez para mim”. Os dois líderes religiosos que compunham uma espécie de Gabinete Paralelo do MEC são Arilton Moura e Gilmar Santos, da Assembleia de Deus Ministério Cristo para Todos.

Na prática, os dois pastores atuavam como lobistas, cobrando propinas a prefeitos em troca da liberação de verbas da educação para as cidades. Foram dezenas de prefeitos levados a reuniões no Ministério através dos amigos de Bolsonaro. Um desses prefeitos, da cidade de Luis Domingues (MA), chegou a dizer que, além de uma propina de R\$ 15 mil para desviar recursos, foi cobrado um quilo de ouro.

Já o jornal O Globo mostrou que outra forma de propina era realizada disfarçada na compra de bíblias para a “construção de igrejas”. Na verdade, grana embolsada pela quadrilha no MEC. O livro sagrado para os cristãos também era utilizado para fazer propaganda escancarada, sendo distribuído em eventos com as fotos do ministro e dos pastores-lobistas.

Esquema parecido com o escândalo da compra de vacinas superfaturadas através de contratos fraudados que estourou no ano passado. Mas agora, com pastores picaretas no lugar de policiais militares e empresas de fachada.

“Eu boto a minha cara no fogo pelo Milton”, chegou a dizer Bolsonaro em sua tradicional live de quinta. Mas não teve jeito, neste



Propina era realizada disfarçada na compra de bíblias para a “construção de igrejas”. Na verdade, grana embolsada pela quadrilha no MEC.

dia 28 de março o presidente se viu obrigado a assinar a exoneração do ministro, com medo do desgaste num ano eleitoral, já que ele próprio aparece no áudio vazado.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/375HX12](https://bit.ly/375HX12)

ELITISTA, LGBTFÓBICO E CAPACITISTA

Um ministro com a cara desse governo



O ministro Milton Ribeiro e o pastor Arilton Moura, um dos corruptos que cobravam propina.

Elitista, autoritário, preconceituoso e corrupto. Não é por menos que Bolsonaro defendeu até o último minuto a permanência de Milton Ribeiro. Sua gestão é a cara do governo Bolsonaro, e mostra a fidelidade canina do agora ex-ministro ao chefe.

Entre as polêmicas que o ministro se envolveu está a intervenção no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a fim de botar as mãos no conteúdo do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Intervenção também na Coordena-

ção de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que, assim como ocorreu no Inep, desatou uma onda de perseguições internas e uma debandada de servidores.

No ano passado, Ribeiro chegou a dizer que a “universidade deveria, na verdade, ser para poucos”. Ou seja, para os filhos dos ricos. Pobre, na visão do governo, deveria fazer cursos técnicos para servir os ricos.

A perversidade desse governo chegou ao ponto de Ribeiro atacar crianças com deficiência, afirmando que elas “atrapalham” o aprendizado dos colegas. Ca-

pacismo para justificar o apartheid das pessoas com deficiência (PcDs) nas escolas.

Milton Ribeiro também expressou a LGBTfobia do governo Bolsonaro. “O adolescente que muitas vezes opta por andar no caminho do homossexualismo (sic) vem, algumas vezes, de famílias desajustadas”. Ainda disse que “não é normal” o que diz ser uma “opção” da orientação sexual.

Uma figura obscurantista, retrógrada e corrupta, bem aos moldes do projeto do governo Bolsonaro para a educação.

FORA BOLSONARO E MOURÃO

Projeto é de desmonte e destruição da educação pública

O MEC sempre foi priorizado pelos setores mais obscurantistas do governo Bolsonaro. É um espaço considerado privilegiado pela ultradireita para impor seus retrocessos e ataques aos setores

oprimidos. Mas não só. O projeto de Bolsonaro, Mourão, Paulo Guedes, junto à chamada “ala ideológica”, é de completo desmonte e destruição da educação pública, assim como da pesquisa científica.

Não é por menos que o MEC tenha sofrido o segundo maior corte bilionário imposto pelo governo em 2022. Foram R\$ 740 milhões tesourados do setor, atingindo o Conselho Nacional

de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e até mesmo a Fiocruz, que teve atuação decisiva na produção de vacinas contra a Covid-19.

Projeto de destruição que ca-

minha no ritmo do processo de recolonização, entrega e desmonte dos serviços públicos, em que educação, pesquisa e produção científica não só não são prioridade como obstáculo.

"CALA BOCA JÁ MORREU!"

Artistas enfrentam censura da justiça e protestam contra Bolsonaro



TÁCITO CHIMATO,
DE SÃO PAULO (SP)

O correu ao longo do final de semana o festival Lollapalooza, em São Paulo. Presente no calendário de eventos do Brasil, os três dias recheados de shows movimentam em torno de si fãs de todo o país.

Mas esta edição foi marcada pela decisão monocrática do ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Raul Araújo em tentar censurar manifestações políticas contra Bolsonaro a pedido do Partido Liberal (PL), sigla do presidente. A medida foi tomada depois que a cantora Pablo Vittar puxou o grito "Fora Bolsonaro" em meio à plateia e enrolada em uma bandeira de Lula.

Para além das diferenças com Lula e o PT (que são profundas), não podemos ser coniventes com uma decisão arbitrária cujo objetivo claro é a censura. A decisão do ministro do TSE foi tomada



Banda Fresno exibe Fora Bolsonaro em show

quando o Partido Liberal, que abriga Bolsonaro, entrou com um pedido liminar de que o evento proibisse manifestações políticas dos artistas.

Além de absurda, a ação do PL é de uma hipocrisia imensa. Basta ver que Bolsonaro vem há meses fazendo propaganda elei-

toral com dinheiro público, através de "motociatas" e outras manifestações, e nada acontece. Inclusive neste mesmo domingo do festival, Bolsonaro participou de uma atividade descaradamente eleitoral, e a justiça nada fez. E antes de pedir censura ao protesto em show, o juiz do TSE já

havia autorizado outdoor pró-Bolsonaro em Rondônia.

Mas a tentativa de censura saiu pela culatra, e os artistas que se apresentaram no dia seguinte de Pablo Vittar fizeram ainda mais questão de gritar um "Fora Bolsonaro" ou se manifestar contra a censura. "Cala boca

já morreu", mandou Lulu Santos. A banda Fresno exibiu no telão o "Fora Bolsonaro" durante o show. O rapper Djonga comandou uma plateia inteira contra Bolsonaro. A cantora drag queen Gloria Groove também falou sobre a censura.

Com a lamentável morte do baterista Taylor Hawkins e o cancelamento da turnê da banda Foo Fighters, a organização do show improvisou uma apresentação reunindo Planet Hemp, Emicida, DJ Nyack, DJ KL Jay, Criolo, Bivolt, Drik Barbosa, Rael, Mano Brown e Ego Kill Talent. A maioria desses não deixou de protestar.

Nos dias seguintes, diante da imensa repercussão negativa da censura, o próprio ministro Raul Araújo revogou sua liminar. Co-laborou para isso a paspalhada do próprio PL, que errou o CNPJ e outros dados referentes ao Lollapalooza no seu pedido de censura.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/370J51E](https://bit.ly/370j51e)**

LOLLAPALOOZA:

Ingressos caros e superexploração do trabalho

A iniciativa dos artistas contra a censura no festival foi um momento importante e para lá de louvável. Mas, como não poderia deixar de ser, é necessário fazer algumas críticas ao Lollapalooza. Uma das grandes bandeiras do festival e dos patrocinadores envolvidos é a luta contra as opressões. É comum que diversas empresas, assim como na Parada LGBTI e em outros eventos, se engajem na venda do capitalismo como uma forma possível de enfrentar a LGBTfobia, o racismo, o machismo e outras opressões que os trabalhadores sofrem. O Lollapalooza, infelizmente, não é exceção.

Críticas aos valores absurdos dos ingressos, distantes da realidade da maioria da população, se tornaram habituais. Ficou famosa a fala de um ambulante, há alguns anos, quando negou um desconto a um



Padre Lancellotti denuncia abusos e superexploração dos trabalhadores no Lollapalooza

jovem na cerveja: "Você está pagando um salário mínimo para ver um show e não tem dinheiro pra beber?"

Esse lado, porém, é apenas a "ponta do iceberg" dos problemas relativos ao evento. Ano após ano, a Tickets4Fun (T4F),

empresa responsável pelo festival, é alvo de críticas nas contratações de trabalhadores para a montagem e manutenção das

estruturas. Diversas figuras públicas, como o padre Júlio Lancellotti, denunciam, sem consequências aparentes. Em postagem do Instagram, o padre, referência no trabalho social em São Paulo, relatou: "Hoje mais um irmão em situação de rua pediu um par de tênis para poder trabalhar na montagem das estruturas do Lollapalooza. Vários estão trabalhando na montagem do festival!." Veículos da imprensa também já denunciaram a prática. Em 2019, a Folha de S. Paulo entrevistou diversos trabalhadores da montagem do festival, que afirmaram receber R\$ 50,00 por uma jornada de 12 horas sem nenhum equipamento de segurança.

As manifestações contra Bolsonaro no Lollapalooza foram importantes e extremamente saudáveis. Mas não dá para fechar os olhos para o fato atrás das cortinas do festival.

9 DE ABRIL: TODOS ÀS RUAS PELO FORA BOLSONARO E MOURÃO, JÁ!

É preciso unificar as lutas e greves

A indignação dos trabalhadores se expressa nas ruas e em uma onda de greves contra a carestia, o arrocho dos salários, a precarização, a fome e o desemprego



DA REDAÇÃO

No momento em que fechávamos esta edição, os trabalhadores de aplicativos preparam uma mobilização nacional para o dia 1º de abril. Não é um movimento isolado, por todo o país greves e mobilizações se insurgem não só contra a precarização do emprego, mas contra os diversos ataques em meio à escalada da inflação,

da carestia, da fome e do desemprego. Greves como a dos garis no Rio de Janeiro, de rodoviários em várias partes do país, do funcionalismo federal, de professores estaduais e municipais, dos operários da Avibrás na região de São José dos Campos (SP).

Fervilha uma indignação crescente por baixo contra a crise e as condições de vida, também contra o governo, metido em casos de corrupção como o “bolsourão” do MEC. “É necessário que os tra-

lhadores unifiquem suas lutas, a CSP-Conlutas chama as centrais sindicais para que atuem pela unificação dessas lutas, pois é preciso que avancem rumo a uma Greve Geral, para que botemos abaixo, já, Bolsonaro e Mourão”, defende Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Secretaria Executiva Nacional (SEN) da CSP-Conlutas e da direção do PSTU.

Um Conlat (Congresso da Classe Trabalhadora) deveria servir para isso, porém, as direções majoritárias do movimento estão

organizando um não para fortalecer as lutas, mas para um projeto eleitoreiro. Da mesma forma, a Campanha Nacional Fora Bolsonaro definiu o dia 9 de abril como dia nacional de lutas mudando seu eixo para “Bolsonaro Nunca Mais”.

A CSP-Conlutas está convocando o 9 de abril, mas em defesa da unificação das lutas em torno do “Fora Bolsonaro e Mourão, já”. Isso porque só a luta da classe trabalhadora pode reverter a enorme crise social em que es-

tamos e, dentro disso, derrubar este governo, pela ação direta da classe, é condição fundamental. Junto com isso, enfrentar governadores e prefeitos que aplicam o mesmo projeto econômico de Bolsonaro, Paulo Guedes e dos patrões, seja de que partido seja.

“Temos que apontar o caminho da luta, rumo a uma saída operária e socialista”, defende Mancha.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3859FEX](https://bit.ly/3859FEX)**

RIO DE JANEIRO

Onda de greve no Rio de Janeiro tem garis à frente



Manifestação dos garis no centro do Rio de Janeiro

Os trabalhadores garis da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) da cidade do Rio de Janeiro estão em greve desde o último dia 29. A greve foi aprovada em uma grande assembleia, dos Empregados de Empresas de Asseio e Conservação do Município do Rio de Janeiro (Siemaco-RJ). Os trabalhadores da Comlurb já acumulam três anos sem reajuste ou reposição das perdas

inflacionárias. Com a disparada dos preços dos alimentos básicos, a situação ficou insuportável. Esse é o principal motivo do movimento grevista.

A prefeitura, a Justiça do Trabalho e a Comlurb fizeram todo tipo de ameaça para evitar a deflagração da greve. Mesmo sem a empresa municipal cumprir a lei de reposições salariais anuais, a Justiça do Trabalho chegou a determinar uma multa contra o Siemaco de R\$ 200 mil reais por cada dia de greve.

Como se não bastasse, a prefeitura tenta combater a greve com repressão. No dia 28, Bruno Gari, liderança da oposição sindical da CSP-Conlutas e militante do Combate/PSOL, foi agredido violentamente pela Guarda Municipal e preso. No dia 29, houve mais truculência e perseguição, com uma nova detenção de Bruno, além de Diego Vitello, Julio Condaque (da CSP-Conlutas e do PSTU) e do ex-vereador Babá (PSOL). A agressão ocorreu quando eles realizavam piquete e conversas com a base.

Os que militantes foram mantidos detidos até por volta das 13h. O prefeito Eduardo Paes comanda a repressão chamando os garis de “baderneiros”. Apesar de toda repressão, a greve segue forte, os piquetes crescem e a greve aumenta.

A luta dos garis é parte da revolta popular refletida em outras paralisações e mobilizações como dos rodoviários, também no Rio de Janeiro, e de entregadores de aplicativos. “É uma greve vitoriosa, com uma adesão muito grande. Não vamos nos calar, mesmo com toda intimidação e truculência da Guarda Municipal e do prefeito. Essa greve está empolgando outros setores como rodoviários e os trabalhadores dos aplicativos. Queremos fazer um ensaio da greve geral aqui no estado e vamos estar nos piquetes até a vitória dessa greve”, explica Julio Condaque.

SÃO PAULO

Luta dos operários da Avibrás contra as demissões e mobilização de professores contra Doria



Na região de São José dos Campos, a Avibrás, uma empresa de produtos e serviços para área da defesa, entrou com pedido de recuperação judicial e anunciou a demissão de 420 trabalhadores. Isso mesmo com um patrimônio líquido de mais de R\$ 2 bilhões (segundo estudo do ILAESE), e uma projeção da própria empresa de aumento nas vendas até 2023.

Os trabalhadores demitidos estão se mobilizando e montaram um acampamento em frente à fábrica, na cidade de Jacareí. Enquanto fechávamos esta edição, os operários estavam se preparando para ir a Brasília realizar um protesto em frente ao Palácio do Planalto e ao Ministério da Defesa.

“Por se tratar de uma empresa estratégica e de interesse nacional, é inadmissível que a Avibrás continue nas mãos de acionistas. Há seis décadas, a fábrica desenvolve produtos bélicos com tecnologia de ponta e mão de obra especializada”, afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e militante do PSTU, Weller Gonçalves, defendendo a manutenção dos empregos e a estatização da empresa.

Professores lutam por reajuste e protestam contra ataques de Doria

Os professores da rede estadual, assim como os trabalhadores da Educação em outros estados, lutam pelo reajuste do piso, e também contra uma “Nova Carreira” (ou PLC 03) que a Assembleia Legislativa tenta impor à categoria. “Esse PLC 03 instaura uma falsa nova carreira que retira os poucos direitos que a gente tem, se baseia em gestão empresarial e mérito e não a formação ou tempo de carreira, e aumenta ainda a jornada de trabalho que já é abusiva”, denuncia a professora Flávia Bischain, militante do PSTU e do Coletivo Reviravolta na Educação, de oposição à direção majoritária da Apeoesp. O projeto foi aprovado no dia 29 sob protestos da categoria.

MINAS GERAIS

Guarda Municipal de Kalil agride professores

Os professores da rede estadual e municipal também exigem o pagamento do piso nacional e o fim da Lei de Responsabilidade Fiscal que penaliza todas e todos que dependem dos serviços públicos. Além disso, os trabalhadores do metrô de Belo Horizonte estão em greve desde o dia 21. No último dia 28, foi realizado um ato unificado de todos os setores que estão em luta.

A resposta dos governos tem sido a repressão. Um ato pacífico em frente a Prefeitura de Belo Horizonte, com cerca de 30 professores do

município, em greve desde o dia 16 de março, exigiam que o prefeito Kalil abrisse o diálogo com a categoria foi violentamente reprimida pela Guarda Municipal,

Wanderson Rocha, professor e militante do PSTU foi agredido covardemente com cassete na cabeça e foi levado ao hospital João XXIII com traumatismo craniano, desacordado e sangrando pelo ouvido. Felizmente, Wanderson se recuperou, e mesmo assim a Guarda Municipal tentou alegar elementos para justificar a sua prisão.

MARANHÃO

Greve dos rodoviários já é uma das maiores da história

Os trabalhadores rodoviários da grande São Luís estão parados há mais de 44 dias. Nesta quarta-feira, 30, ocorreu uma audiência com empresários no Tribunal Regional do Trabalho (TRT), mas os patrões permanecem inflexíveis. Em fevereiro, no início da greve, a Justiça havia emitido mandado de prisão contra dirigentes da categoria. O governo, por sua vez, insiste em impor multas aos trabalhadores caso a paralisação persista. “Nós prestamos nossa total solidariedade à greve dos trabalhadores rodoviários em defesa do reajuste e da

inclusão de mais dependentes no plano de saúde e aumento do ticket-alimentação, algo extremamente justo num momento em que o país vive uma carestia, e também à população que sofre não com os rodoviários, mas com a ganância dos consórcios dos transportes, que trata rodoviários com descaso e para o povo aumenta as passagens”, afirma Hertz Dias, pré-candidato do PSTU ao governo do Maranhão. “Não à criminalização das greves e pela reativação da Companhia Municipal de Transportes”, defende.

PIAUÍ

Estado vive clima de greve geral

O Estado vive um verdadeiro clima de greve geral. Em Teresina, os trabalhadores da rede municipal de

ensino estão em greve desde 7 de fevereiro exigindo o pagamento do piso nacional da categoria que prefeito José Pessoa (MDB) recusa pagar. Mas o governador do Piauí, Wellington Dias (PT), também não cumpre a lei e está sem repassar o reajuste de 33,24% no piso do magistério. Por isso os professores da rede estadual entraram em greve no último dia 23. Na última rodada de negociação, o governador ofereceu míseros 4,17% de aumento. A categoria não aceitou e segue na luta pelos 33,24% no piso do magistério. “O governado diz que não tem dinheiro para pagar o nosso piso. Mas a gente está exigindo

do que ele abra as contas do estado, provando que não tem mesmo dinheiro para cumprir a lei”, explica Yara Ferry, da Executiva Estadual CSP-Conlutas e professora da Rede Pública Estadual Pública.

Teresina também é palco de manifestações unificadas, reunindo trabalhadores da educação estadual e municipal e do transporte coletivo, que também estão em greve. Nas mobilizações e atos também participam estudantes, o movimento por moradia e os trabalhadores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

BELÉM (PA)

Prefeitura do PSOL dá aumento a empresários do transporte, mas não para servidores

Na capital, Belém, ocorreu uma mobilização contra o aumento imposto pelo prefeito Edmilson Costa (PSOL) na tarifa de ônibus. O aumento, de 11,11% elevou o preço da passagem de R\$ 3,60 para R\$ 4. Além disso, a Guarda Municipal da prefeitura do PSOL ainda reprimiu uma manifestação contra o aumento.

Além de conceder aumento para os empresários dos transportes, o prefeito Edmilson se nega a realinear o piso dos trabalhadores operacionais da Educação, que hoje é de apenas R\$ 869, menor que um salário mínimo. “Enquanto Edmilson não concede reajuste aos operacionais da Educação, dá aumento para os empresários dos transportes, isso é um absurdo”, denuncia Cleber Rabelo, da direção do PSTU. Os servidores da FUNPAPA (Fundação Papa João XXIII), responsáveis pela assistência social em Belém, também lutam por reajuste. Hoje, esses trabalhadores que prestam um serviço essencial, também recebem menos que um salário mínimo. “Bora Edmilson, atende logo as reivindicações”, exige Cleber.

CENTRAIS

MULHER, NEGRA E SOCIALISTA

Construindo o Polo Socialista Revolucionário, PSTU oficializa pré-candidatura de Vera à Presidência do Brasil

Em uma plenária online no último dia 19 de março que contou com mais de 400 pessoas de todas as regiões do país, PSTU oficializa pré-candidatura de Vera à Presidência do Brasil.



ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

Foi um evento emocionante, que teve início com a apresentação de um vídeo sobre a vida de Vera, cuja história de luta e resistência é igual à de milhões de brasileiros. Ela, que nasceu em Inajá, no Sertão de Pernambuco, chegou a Aracaju ainda menina. Trabalhou desde cedo. Foi datilógrafa, faxineira e garçonete. Aos 19 anos de idade, passou a trabalhar em uma indústria de calçados, quando começou a militância política. Vera é uma operária, negra e socialista. Uma nordestina com a cara e a coragem do nosso povo.

“Fala a vocês a única mulher negra candidata à Presidência do Brasil. Fala a vocês a única operária candidata a presidente. Falo com orgulho de ser mulher, negra, operária e nordestina. A classe operária tem cor em nosso país. Quem construiu as casas nas quais vocês estão neste momento foram mãos operárias, quase seguramente mãos negras. Trabalhei fabricando sapatos. Sei que mãos negras, como as minhas, fabricaram os sapatos que vocês estão calçando”, discursou emocionada.

“E o que mais me orgulha de tudo isso é que, como candidata, farei nas eleições o que faço há mais de 30 anos: empunhar a bandeira vermelha do socialismo e, perante a barbárie capitalista, apresentar o programa que pode acabar com as desgraças que se abatem sobre os negros e brancos, homens e mulheres, jovens e idosos, heteros e LGBTQIA+,

Venha construir o Polo socialista revolucionário!



empregados e desempregados, da cidade e do campo. Mostrar que para todos os problemas e dores de nossas vidas existe solução”, disse Vera.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

A pré-candidatura de Vera foi apresentada ao Polo Socialista Revolucionário, espaço político que vem sendo construído desde outubro do ano passado pelo PSTU e outras correntes políticas, incluindo setores do PSOL. “Queremos que a minha pré-candidatura seja do conjunto do Polo Socialista Revolucionário, que reúne organizações que avaliam que é necessário apresentar uma alternativa socialista e revolucionária nas lutas e nas eleições. Um projeto socialista e de classe, e não um projeto capitalista de conciliação com empresários e banqueiros”, destacou Vera.

A independência de classe deu o tom do conteúdo político da plenária. Nas intervenções, foram feitas duras críticas ao governo Bolsonaro, responsável pelo caos econômico e social brasileiro. A necessidade de colocar Bolsonaro e toda a corja que o acompanha para fora é a tarefa número um da classe trabalhadora brasileira.

Mas tal tarefa não pode ser usada como desculpa para apresentar um projeto de conciliação de classe com setores da burguesia, como defendem o PT, o PCdoB e a maioria da direção do PSOL. Um projeto de governo que tenha Alckmin (PSB) como vice não trará as mudanças necessárias aos trabalhadores e ao povo pobre brasileiro.

Vera ressaltou que só um programa socialista e revolucionário responderá aos problemas de

toda a classe trabalhadora. “Só quem pode fazer o que é preciso para garantir o fim da fome e o pleno emprego, redução da jornada, aumento dos salários, moradia, educação e saúde pública, terra aos indígenas, quilombolas e aos povos da floresta, proteger o meio ambiente, revogar todas as reformas trabalhistas e previdenciárias, anular todos os leilões da Petrobras, reestatizar as empresas públicas e colocá-las sob o controle de todos os trabalhadores, expropriar as grandes empresas, imóveis destinados à especulação imobiliária, hospitais, laboratórios, a indústria farmacêutica, indústria de fertilizantes e não pagar a dívida pública é um governo da classe trabalhadora”, pontuou.

“Esse governo deve ser controlado pela classe trabalhadora organizada em conselhos populares, nos sindicatos, associações



e movimentos, nas escolas, nos locais de trabalho e nos bairros. Que debata tudo sobre a política e os planos de obras públicas e seus funcionamentos sem burocracia, que debata sobre a nossa autodefesa, como denunciar e conter no interior da nossa classe o machismo, a LGBTfobia, o racismo e a xenofobia”, defendeu Vera.

PLURAL

Conduzida por Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP), e pela professora Flávia, do Coletivo Reviravolta na Educação, a plenária contou com falas de operários, bancários, servidores públicos, trabalhadores dos correios, da educação, indígenas, dos povos da floresta, da juventude, ativistas do movimento negro, LGBTQIA+ e de mulheres. Diversas vozes

DECLARAÇÃO DE APOIO

Rejane de Oliveira

“ Me sinto honrada em apoiar esta pré-candidatura porque Vera é uma mulher negra, lutadora, forjada na luta e que, na luta de classe, representa o lado dos trabalhadores. ”



unidas na defesa da construção de um projeto socialista e revolucionário para o Brasil.

Ativistas e militantes de outras organizações políticas marcaram presença e destacaram a importância da pré-candidatura de Vera para a construção de alternativa política para o nosso país.

“Me sinto honrada em apoiar esta pré-candidatura porque a Vera é uma mulher negra, lutadora, forjada na luta e que, na luta

de classe, representa o lado dos trabalhadores. A Vera é uma candidata necessária, por toda a sua trajetória socialista e revolucionária. Mais do que isso, porque ela representa um projeto de um partido revolucionário. E nunca foi tão necessária uma candidatura de um partido revolucionário que tenha coragem de enfrentar a ultradireita, a direita e o projeto de conciliação de classe que só trouxe tragédia à classe trabalhadora”, declarou a professora Rejane de Oliveira, do Movimento de Luta Socialista (MLS).

Para Plínio de Arruda Sampaio Júnior, da corrente Contrapoder (PSOL), Vera “é uma liderança experiente, provada, que carrega o acúmulo de lutas do PSTU e tem todas as condições de representar os socialistas nas eleições. É necessário ter uma candidatura socialista em 2022, porque nós vivemos um momento delicado. Vivemos o capitalismo da barbárie e a política da burguesia é administrar a barbárie, garantir a continuidade do modelo econômico e consolidar o golpe contra a classe trabalhadora. Nós precisamos nos fortalecer para que a voz do socialismo possa alcançar os ouvidos da classe trabalhadora”.

A indígena Kunã Yporã, conhecida também como Raquel Tremembé, da Articulação da Teia de Povos de Comunidades Tradicionais do Maranhão e integrante da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas, também declarou apoio. “Nós, mulheres, não queremos ser apenas potência política, mas também potência política, porque acreditamos que a luta é o quarto poder. Por isso, não queremos apenas chegar, mas construir outras cheganças. Todo o nosso apoio à pré-candidatura da Vera”, afirmou Tremembé.

A professora Dirlene Marques, do PSOL de Minas Gerais, disse que

com muita alegria acompanhava a plenária. Destacou que a pré-candidatura de Vera pauta o seu programa na independência da classe trabalhadora na luta pelo socialismo, frente à crise geral do capitalismo que vivemos hoje, que desnuda toda a barbárie que é o capitalismo.

“Em uma situação de grande desemprego, subemprego, precarização e exclusão social, ter a Vera como pré-candidata à Presidência do Brasil, uma mulher, trabalhadora, negra e apoiada por um coletivo e um programa socialista e revolucionário é uma grande ousadia. Uma ousadia necessária para se contrapor à esquerda institucional que se apresenta sem nenhuma proposta de intervenção estrutural, apenas com o propósito de fazer uma aliança com a burguesia. Sem dúvida, é uma atitude necessária o que coletivo está fazendo. E que este coletivo continue com o sonho de todas e todos nós que estamos compondo o Polo Socialista Revolucionário”, falou Dirlene Marques.

O ex-deputado federal Babá, da Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) do PSOL, e Mar-

celo Pablitto, dirigente nacional do Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), organizações políticas que integram o Polo Socialista Revolucionário, também discursaram na plenária.

Além das falas dos ativistas, a plenária contou com várias intervenções culturais – música, poesia, cordel e pinturas –, o que mostrou que a arte pode ser criativa, multifacetada e atuante na construção de uma alternativa socialista e revolucionária.

A plenária foi finalizada ao som da Internacional e com o convite ao chamado da construção da pré-candidatura de Vera nas fábricas, nas ocupações de terra e de moradia, nos quilombos, nas vilas rurais, nos bairros, nas escolas e na universidade.

Junte-se a nós nessa luta! Conheça, discuta e defende esse projeto da classe trabalhadora para a classe trabalhadora. Sejamos um exemplo para o continente latino-americano. Por comida, emprego, moradia e o fim da inflação, vamos de candidatura socialista e revolucionária.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QQN9S7](https://bit.ly/3QQN9S7)**

VAI LÁ!**ASSISTA NO YOUTUBE**

Se você não acompanhou ao vivo a plenária de lançamento da pré-candidatura da Vera, você pode assistir na íntegra em nosso canal no YouTube.

POLÊMICA

PSOL: crise conjuntural ou estratégica?



EDUARDO ALMEIDA,
DE SÃO PAULO (SP)

Muitos ativistas socialistas que se identificam com o PSOL estão vivendo uma crise. O apoio à chapa Lula-Alckmin já no primeiro turno deve ser referendado na próxima conferência do partido em abril. A candidatura da esquerda do PSOL, Glauber Braga, já é dada como derrotada pelos seus próprios apoiadores.

Será a primeira vez que o PSOL não vai lançar candidatura presidencial. Também deve ser aprovada a federação partidária com a Rede, um partido burguês, que tem como seus principais financiadores Necá Setubal, uma das donas do Itaú, e Guilherme Leal, dono da Natura. Isso mudaria o caráter de classe do próprio PSOL. Esses passos seriam

somente o prenúncio de algo ainda mais grave: a participação em um futuro governo Lula.

Isso já tem reflexos nos estados. No Rio de Janeiro, o PSOL vive uma crise após a saída de Freixo, sua maior figura pública, para o PSB. Freixo está aplicando no Rio a mesma tática de frente ampla com a burguesia. E o PSOL, assim mesmo, deve apoiar Freixo para o Governo do Rio. A candidatura de Milton Temer, da esquerda do PSOL, provavelmente não vai reverter o apoio da maioria da direção a Freixo.

Em São Paulo, Boulos retirou a candidatura ao governo, apontando o apoio em Fernando Haddad, do PT, que não é só candidato de Lula, mas também de Alckmin, que governou o estado pelo PSD por 12 anos. O mesmo Alckmin da repressão ao Pinheirinho e das greves de professores.

Comenta-se que o apoio de Boulos a Haddad incluiria a promessa de sustentação do PT a sua candidatura para a Prefeitura de São Paulo em 2024 e um ministério no governo Lula.

Há uma candidatura da esquerda do PSOL, de Mariana Conti, apresentada após a retirada de Boulos. Mas a possibilidade de que seja referendada pelo partido é pequena. Mesmo que fosse vitoriosa, poderia ser apenas um palanque paulista para a chapa de Lula e Alckmin.

CRISE ESTRATÉGICA

Basta ligar esses dados para entender que existe uma crise estratégica no PSOL. Fundado em 2004, como uma ruptura do PT, o partido veio se mantendo nesses anos à esquerda do PT. Isso acabou. A recomposição política e eleitoral do PT com a candidatu-



Boulos retirou sua candidatura ao governo de SP e vai apoiar Fernando Haddad do PT

ra Lula engoliu o PSOL. O partido, evidentemente, vai continuar. Mas agora está sendo reduzido a uma postura de coadjuvante do PT.

Não é por acaso que o PSOL está perdendo vários parlamentares, como Freixo, Jean Wyllys (para o PT), Isa Penna (para o PCdoB) e muitos outros.

Para a maioria da direção do PSOL são “apenas alguns passos táticos”. Mas para os socialistas que seguem defendendo a independência de classe trata-se de uma crise de caráter estratégico. É importante que se reflita, em termos marxistas, sobre seu significado.

EUROPA

Os exemplos internacionais dos “partidos anticapitalistas”

A falência do PSOL não é um caso isolado. Tem sido frequente em nível internacional, como foram os casos dos outros “partidos anticapitalistas”, que buscaram ocupar o espaço deixado pela crise da socialdemocracia europeia depois de sua passagem ao social-liberalismo.

Deixaram uma postura reformista, a defesa do “estado de bem-estar social”, para administrar o capitalismo e implementar o neoliberalismo na Europa.

Em consequência, esses partidos sofreram desgastes e crises e, para ocupar esse espaço político, surgiram os chamados “partidos anticapitalistas”: Refundação Comunista (Itália), Die Linke (Alemanha), NPA (França), Syriza (Grécia), Podemos (Espanha) e Bloco de Esquerda (Portugal).

Apesar de serem muito diferentes entre si, esses novos partidos têm algumas caracte-



Em janeiro de 2020, Pablo Iglesias do Podemos firma acordo de governo de coalizão com Pedro Sánchez, do PSOE, e tomou posse como vice-presidente da Espanha. Boulos saudou a iniciativa.

rísticas em comum. Em geral são estruturados em setores de classe média, sem a base operária da velha socialdemocracia, e tentam aparecer como “mais à esquerda”, antineoliberalismo.

Mas, de conjunto, são reformistas. Em seus programas

não há a defesa da revolução socialista, apenas reformas no capitalismo. Tampouco defendem a independência política dos trabalhadores. Consideram normal governar junto com a burguesia. Não por acaso não se afirmam sequer como socia-

listas, mas “anticapitalistas”.

Os revolucionários também defendem reformas, como aumentos salariais etc.. Mas dentro de uma estratégia revolucionária socialista. Os reformistas, ao não terem a revolução socialista como estratégia, buscam só reformas no capitalismo. Na verdade, esses partidos sequer são anticapitalistas.

Também têm a mesma estrutura dos partidos socialdemocratas, “sem centralismo”. O que é aparentemente democrático e atrai muitos ativistas contrários ao centralismo burocrático do stalinismo. Mas, assim como os socialdemocratas e os stalinistas, esses partidos também são ultraburocráticos, porque a base não decide nada. Por exemplo, Boulos, ao retirar sua candidatura, está passando por cima da decisão da última conferência estadual do PSOL. Edmilson Rodrigues, prefeito de Belém pelo PSOL, governa como



Olaf Scholz, atual chanceler da Alemanha, é do Partido Social Democrata cujos governos passaram a implementar planos neoliberais.

quer, em aliança com a burguesia, sem nenhuma consulta às bases.

Existem alas esquerdas nesses partidos, que defendem sinceramente a revolução socialista e a independência de classe. Mas a dinâmica é sempre dada pelos parlamentares e governantes. Por exemplo, a tendência do PSOL a apoiar o PT e depois entrar no futuro



UMA ANÁLISE DE CLASSE

A evolução do PT e do PSOL

O PSOL foi fundado durante o primeiro governo Lula com a expulsão de quatro parlamentares do PT por terem votado contra a reforma da Previdência. A lógica era aparentemente simples: repetir a estratégia de construir um partido reformista eleitoral como o PT, mas “sem os erros do PT.”.

Lógica simples, mas equivocada. O PT repetia a evolução da socialdemocracia europeia. O capital imperialista monopolista não permite reformas com concessões importantes aos trabalhadores. Reformas no capitalismo ficaram no passado, e o PT passou aplicar os mesmos planos neoliberais da burguesia, impostos antes pela direita.

O PT seguiu a cartilha da socialdemocracia no governo. No início, aproveitando-se do boom das commodities, Lula realizou algumas concessões,

no marco do crescimento econômico capitalista. Depois veio a crise e o desgaste de Dilma Rousseff. Com o PT enfraquecido nas bases operárias, a burguesia resolveu se desfazer de Dilma com a manobra do impeachment e colocar Temer, seu vice, na Presidência.

Fragilizado, o PT sequer conseguiu montar uma mobilização de massas contra o impeachment. Nem mesmo no ABC, berço do PT. Assim, foi derrotado como consequência de sua gestão burguesa em 13 anos de governo, algo semelhante ao que ocorreu com a socialdemocracia europeia.

Bolsonaro, o pior presidente da história, se elegeu pelo repúdio que existia entre os trabalhadores e o povo aos governos do PT. A amarga experiência desses quatro anos permite ao PT capitalizar o ódio

governo está sendo dada pelos parlamentares.

O grande teste dos partidos anticapitalistas veio quando tiveram oportunidade de chegar ao governo. O Syriza, em 2015, ganhou as eleições na Grécia, depois da crise da socialdemocracia do país, despertando enormes expectativas. Mas aplicou o mesmo

plano do FMI, mesmo depois de sua rejeição no plebiscito.

A Refundação Comunista integrou o governo burguês de Romano Prodi entre 2006-2008. Seus parlamentares votaram a favor do plano econômico neoliberal de Prodi, da participação de tropas italianas na ocupação do Afeganistão. A Refundação Comunista

entrou em crise, quase desaparecendo da realidade política italiana.

O Podemos, recentemente, integrou o governo do PSOE na Espanha, e agora está em plena decadência. O Bloco de Esquerda em Portugal participou do governo do Partido Socialista, e vive também uma crise importante.



SEM INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Por que o PSOL vai apoiar Lula-Alckmin e pode entrar em um futuro governo do PT?

No PSOL a independência de classe não é um problema de princípios. Pode se governar junto com a burguesia, como o PT fez. Os setores majoritários da direção do PSOL não criticam os governos petistas por esse critério de classe. Limitam-se a criticar a “corrupção do PT” ou os “planos neoliberais”.

Quando chegou aos governos municipais, o PSOL seguiu a mesma cartilha petista. Foi assim na prefeitura de Macapá



(2013), com Clelio Luis, eleito com apoio do DEM e PSDB. É assim em Belém, onde Edmilson está atrelado ao governo estadual de Helder Barbalho, do MDB.

O PSOL segue os exemplos dos partidos “anticapitalistas”. Agora apoia a chapa Lula-Alckmin e depois pode entrar em seu governo. Para os ativistas socialistas do partido, continuar no PSOL é aceitar ser a ala esquerda de uma frente eleitoral que vai do PT

a uma parcela da burguesia nacional e internacional.

Não é possível mudar o país, avançar para a revolução socialista, com um partido reformista “anticapitalista” como o PSOL. A história ensina que é necessário construir um partido revolucionário para isso, com programa revolucionário e uma estrutura centralizada e verdadeiramente democrática.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ITDHZ5](https://bit.ly/3ITDHZ5)

CAPITALISTAS E TRABALHADORES

Quem realmente se arrisca?

Existe uma ideia de que o lucro do capitalista é uma remuneração pelo risco e incertezas futuras de seus investimentos. Eles seriam empreendedores que fazem realmente com que as coisas aconteçam. Será isso mesmo?



GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Hoje é amplamente hegemônica a ideia de que o lucro do capitalista é uma remuneração pelo risco e incertezas futuras de seus investimentos. Enquanto os trabalhadores são colocados como conservadores que gastam tudo que ganham, os capitalistas seriam poupadões, empreendedores aventureiros, aqueles que fazem realmen-

te com que as coisas aconteçam. Não teria, então, nenhum problema com os bilionários. Ao contrário. Seja a família Marinho, na Globo, Luciano Hang, na Havan, Elon Musk ou Mark Zuckerberg, não importa. Todos eles seriam heróis. Sem qualquer garantia, arriscam o seu capital sem a certeza do retorno e do sucesso nos investimentos.

Essa ideia foi desenvolvida por vários teóricos liberais desde o início do século 19. Um dos autores a sistematizá-la foi o economista austriaco Böhm-Bawerk, em diversos trabalhos. Como todas as ideologias que justificam o capitalismo, elas parecem fazer sentido em um primeiro momento. Devemos entendê-las para melhor combatê-las. Vejamos como todo esse blá-blá-blá surgiu.



Eugen Böhm von Bawerk foi um economista austriaco que defendeu a ideia de que o lucro do capitalista é uma remuneração pelo risco e incertezas futuras de seus investimentos.

HISTÓRIA

Do liberalismo clássico ao neoclássico

Por séculos, inúmeros economistas fracassaram em explicar a origem do lucro do capitalista. Muito rapidamente, eles perceberam a conexão entre toda a riqueza produzida na sociedade e o trabalho necessário para produzi-la. Curiosamente, como vimos em artigos anteriores, essas elaborações foram feitas por autores liberais. Eles lutavam contra uma aristocracia agrária que apenas ganhava renda de suas terras, alugadas aos capitalistas e aos camponeses. Reivindicavam o trabalho contra o ócio. Aquelas que vivem do seu trabalho contra aqueles que vivem do trabalho alheio. O lucro do capitalista era justificado como a remuneração pelo trabalho de administração de sua empresa e de seu capital.

Esse caminho logo foi abandonado. Era muito perigoso. Se o valor das riquezas produzi-



das repousa no trabalho era questão de tempo a conclusão de que toda riqueza apropriada pela classe capitalista também era retirada da classe trabalhadora. Muitos perceberam que o capitalista, por vezes, administra o seu capital, mas não o produz. Aquilo que muitos

chamam: o trabalho do capitalista nada mais é do que administrar uma massa de valores que ele não produziu. Os seguidores de David Ricardo – um economista liberal – chegaram a criar uma escola de pensamento de viés socialista: os ricardianos de esquerda.

nam-se proprietários comprando-as nas bolsas de valores. É anônimo, porque a propriedade da empresa não está mais vinculada a esta ou aquela pessoa em particular, mas àquelas que detêm suas ações em um dado momento. É de capital aberto porque as ações podem ser compradas e vendidas livremente nas bolsas de valores.

As bolsas de valores e as sociedades por ações surgiram muito cedo no capitalismo: no início do século 17. As grandes empresas comerciais inglesas e holandesas que colonizaram grande parte da Ásia, da África e da América do Norte eram sociedades anônimas de capital aberto. Era preciso reunir o capital de centenas ou milha-

res de capitalistas para um empreendimento tão grande. No entanto, foi somente em fins do século 19, com a centralização de capital, que essas sociedades se tornaram majoritárias no capital industrial. Essa mudança abalou para sempre a ideia de que o lucro do capitalista era a remuneração pelo seu trabalho. Por quê?

RENDA PELA PROPRIEDADE

Ora, as sociedades por ações separam a atividade de administração e gestão de sua propriedade. Os proprietários de ações não ocupam nenhum papel na gestão e administração da empresa. São apenas proprietários e ganham, por esse motivo, uma renda ou uma parte dos lucros. Esse acionista pode até integrar o conselho de administração da empresa, mas ganhará um salário por isso, separado de suas ações. Ficou claro, então, que, desde sempre, o lucro do capitalista não era uma remuneração por seu trabalho, mas uma renda pela propriedade, tal como no caso dos aristocratas parasitas que anteriormente nos referimos.

O liberalismo precisava, urgentemente, de uma nova teoria para justificar o lucro dos capitalistas.

Eis que a escola clássica de economia é substituída pela neoclássica, pela escola austriaca de economia, dentre outras.



SOCIEDADE ANÔNIMA

Mas não somente isso. Cada vez mais as empresas capitalistas converteram-se em sociedades anônimas de capital aberto. O que é isso? É mais simples do que parece à primeira vista. A propriedade das empresas é convertida em ações. Nas empresas de capital aberto essas ações são negociadas em bolsas de valores. Os capitalistas tor-

JUSTIFICATIVAS

Os poderes ‘mágicos’ dos juros

A partir de agora, os liberais deixaram para trás qualquer tentativa de explicar globalmente o funcionamento da sociedade. Abandonaram qualquer teoria macroeconômica – para usar o vocabulário keynesiano – em função de análises puramente microeconômicas. Fizeram isso abandonando qualquer possibilidade de explicar objetivamente o processo de produção e distribuição da riqueza no capitalismo. O valor, dizem eles, não é produto de qualquer processo objetivo, mas algo puramente subjetivo. Depende unicamente dos desejos, das escolhas e das ações sempre variáveis dos agentes econômicos, sejam capitalistas ou trabalhadores.

Caberia, portanto, apenas uma justificativa moral do lucro do capitalista. Eis que, tomando unilateralmente os juros, tais economistas passaram a justificar o lucro e criaram, de contrabando, uma teoria para justificar também o salário dos trabalhadores. Teoria totalmente desvinculada de seu respectivo trabalho. Vejamos.

Eles notaram o aspecto temporal contido nos juros. Empresta-se uma quantia, devolvida tempos depois com juros e correção monetária. Justificaram os juros da seguinte forma: são o preço por alguém que abriu mão de gastar seu dinheiro no presente para obter um valor maior no futuro. Por um lado,

esse excedente é o preço pelo sacrifício por não se gastar seu dinheiro no presente. Por outro lado, é uma espécie de indenização pelos riscos de não receber a quantia emprestada. A mesma lógica foi utilizada para explicar a sociedade inteira.

O lucro do empresário industrial ou comercial seria a compensação por ter investido seu valor para obter um excedente no futuro, sem consumi-lo no presente. Mas não apenas o lucro foi justificado, também o salário dos trabalhadores. Como o trabalhador recebe o seu salário sem necessariamente esperar que as mercadorias que produziu sejam vendidas, o salário seria um



adiantamento. Logo, ele recebe menos do que o valor que agregou às mercadorias produzidas, pois recebe no presente ou em um mês o valor de mercadorias que apenas serão vendidas no

futuro. Mataram dois coelhos com uma só cajadada. Com o mesmo argumento, justificaram os lucros enormes dos capitalistas e os baixos salários dos trabalhadores.

ROleta DO CAPITALISMO

Quem realmente se arrisca são os trabalhadores

Observem que o argumento que resumimos não explica nada. Trata-se apenas de uma justificativa moral. A origem dos valores utilizados para se pagar os juros ou os lucros não foi explicada. Os juros e o lucro foram apenas justificados moralmente. Seja qual for a origem dos valores utilizados para pagá-los, eles seriam justos. Afinal, o trabalhador recebe seu salário adiantado, enquanto os capitalistas arriscam seu capital em troca de um lucro e juros incertos.

É assim que a economia deixa de ser política. Não se preocupa mais em responder a pergunta de como a riqueza produzida é dividida entre as diversas classes da sociedade, mas em apenas justificar o capital e o capitalismo. Marx denominava essas correntes de economia vulgar.

Acontece que tampouco esse argumento moral faz sentido.

Em primeiro lugar, como vimos, os capitalistas possuem seu capital distribuído em ações de diversas empresas, por vezes, em vários lugares do mundo. Podem vender suas ações do dia para a noite em uma bolsa de valores. Caso um determinado ramo de negócios fracasse, ele poderá salvar, se não todo, ao menos parte de seu capital.



“A economia deixa de ser política quando não se preocupa mais em responder como a riqueza produzida é dividida entre as classes da sociedade.”

O trabalhador, por seu turno, não tem nenhuma escolha. Encontra-se umbilicalmente ligado a uma empresa em particular. Seu dinheiro não atua como capital, mas em vista do consumo e da sua sobrevivência. Se o investimento feito em sua empresa fracassar, ele pagará com seu emprego, sua renda e com as condições que lhe permitem sobreviver.

Os capitalistas atuam em um grande cassino em que as fichas da roleta correspondem à vida de milhares de trabalhadores.

Mas não somente isso. O sistema favorece, inevitavelmente, os jogares que possuem fichas suficientes para serem “arriscadas” na roleta do capitalismo. Os grandes capitalistas poderão perder muitas para ganhar em dose redobrada no momento seguinte. Os pequenos são, a cada instante, arrancados fora do jogo. Cada vez mais, um número mais reduzido de magnatas detém as fichas ou as ações das quais depende a vida de milhões de tra-

balhadores em todo o mundo. A influência desses poucos magnatas será tão grande que eles poderão interferir diretamente nas regras do jogo, influenciar as políticas estatais e ser salvos pelo Estado em momentos de cri-

se. Em último caso, quando considerarem “arriscado” demais investir seu capital produtivamente, poderão emprestá-lo ao Estado. Armazenar seu capital na forma segura de títulos públicos. A verdade é que os grandes capitalistas detestam o risco.

Todo esse processo torna evidente a loucura do modo de produção capitalista. Toda a riqueza produzida, no lugar de elevar as garantias, a segurança e melhorar a vida de todos, converte o mundo inteiro em uma enorme roleta em que, não poucas vezes, guerras são necessárias. O que eles jogam, no entanto, é todo excedente de riqueza ou mais-valia que arrancaram e continuam a arrancar dia após dia da classe trabalhadora. Toda essa loucura torna ainda mais evidente a necessidade de substituirmos esse modo de produção por uma organização planejada da riqueza e orientada para a satisfação das necessidades de todos.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DQLY06](https://bit.ly/3DQLY06)**

CONHEÇA O CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA DO YOUTUBE



**ORIENTAÇÃO
MARXISTA**

GUERRA NA UCRÂNIA

Todo apoio à resistência do povo ucraniano. Pela derrota de Putin

A resistência heroica do povo ucraniano tem infligido derrotas a Putin. Suas tropas não conseguem mais avançar e, em algumas regiões, como nas periferias de Kiev e Kharkiv, inclusive, recuaram diante da investida ucraniana. Além disso, calcula-se que o exército russo perdeu mais de 10 mil soldados, entre eles sete generais.

Mas Putin segue bombardeando criminosamente o país, inclusive hospitais e maternidades. O número de civis mortos é incalculável. A cidade de Mariupol virou terra arrasada pelos bombardeios russos e embora totalmente cercada, resiste heróicamente.

A Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), jun-

tamente com outras organizações políticas, sindicais e de direitos humanos, tem impulsionado uma campanha internacional de solidariedade com a resistência, os trabalhadores e o povo ucraniano.

“A violência dos soldados da Federação Russa contra os habitantes ucranianos está se tornando generalizada. A resistência ao agressor cresce. Todas as dificuldades e penúrias da guerra caíram sobre os ombros do povo trabalhador. Precisamos muito do apoio internacional dos trabalhadores de todo o mundo. Precisamos de armas, equipamentos de proteção, munições, remédios. Os trabalhadores mineiros e metalúrgicos de Kryvyi Rih, com armas na mão, al-



Civil ucraniana em treinamento para resistir ao inimigo

cançaremos a paz e a liberdade para nossas famílias”, explica Yuri Petrovich Samoilov, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores Mineiros Independente de Kryvyi Rih, que faz um apelo à solidariedade.

É preciso apoiar a resistên-

cia do povo ucraniano com todas as nossas forças. Somente essa solidariedade poderá derrotar a invasão de Putin.

NÃO CAIA EM FAKE NEWS

Perguntas e respostas sobre a guerra

Enquanto a maioria do povo se comove com o sofrimento dos ucranianos, muitos apoiantes de Putin, inclusive a esquerda neostalinista, procura confundir os ativistas da esquerda e dos movimentos sociais repetindo calúnias feitas pelo governo russo. Vejamos algumas delas.

QUAL É O PAPEL DA OTAN NA GUERRA?

Putin e seus defensores justificam a invasão à Ucrânia dizendo que o país entra na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), o que seria uma ameaça militar à Rússia. De fato a Otan é um braço armado do imperialismo norte-americano e serve como um instrumento militar

de ameaça contra todos os povos. Mas a Ucrânia sequer tem alguma base militar da Otan, e seu flerte com essa organização esteve congelado por anos.

A Otan foi criada depois da Segunda Guerra Mundial para ameaçar a então União Soviética (URSS), que em resposta criou o Pacto de Varsóvia, envolvendo países do Leste Europeu. O artigo 5 do tratado da Otan declara que um ataque a qualquer de seus signatários seria considerado como um ataque aos outros membros.

Suas criminosas intervenções militares, com o apoio dos seus aliados europeus, destruíram sociedades inteiras no Iraque e no Afeganistão, provocando 38 milhões de refugiados e 900 mil mortos. Naquela



A Otan é o braço armado do imperialismo e por isso deve ser desmantelada.

época Putin apoiou e colaborou com a Otan.

Mas nos últimos anos a Otan viveu uma crise de identidade e não conseguia justificar sua própria existência. Afir-

mal, qual seria o seu papel depois do fim da União Soviética? Donald Trump, ex-presidente dos EUA, chegou até a cogitar o fim do financiamento do país à organização.

Neste momento, a Otan e os imperialismos norte-americano e europeu dão um show de hipocrisia e tentam posar de defensores da democracia e da liberdade na Ucrânia. Mas

com a guerra, Putin deu a desculpa perfeita para justificar a existência da Otan. A Alemanha rompeu com sua histórica política de não envolvimento em conflitos militares e agora promove uma escalada armamentista triplicando seu orçamento militar. Países que nunca haviam aderido à Otan agora discutem abertamente a questão, como a Finlândia e a Suécia.

Aliados de Putin dizem que a agressão contra a Ucrânia é uma guerra justa contra os ataques da Otan e do imperialismo. Mas quem está sendo bombardeado não é a Rússia (caso tivesse sendo atacada pelo imperialismo, deveríamos, sim, apoiar a Rússia). É Putin que está massacrando o povo ucraniano. E o povo da Ucrânia tem o direito de se defender como pode. Sua resistência precisa ser apoiada. É totalmente criminoso a esquerda neostalinista bater palmas quando Putin bombardeia hospitais, maternidades e residências.

A UCRÂNIA É NAZISTA COMO DIZ PUTIN?

Essa é mais uma mentira de Putin e dos neostalinistas. Como em quase todos os países da Europa, existe sim uma extrema-direita fascista na Ucrânia. Mas ela é marginal na realidade política do país. Nas últimas eleições presidenciais, em 2019, o candidato de extrema-direita atingiu míseros 1,6% dos votos. Nas eleições legislativas no mesmo ano, a extrema-direita mal chegou aos 2% dos votos, ficando sem nenhum deputado no parlamento.

Em muitos outros países europeus, a extrema-direita tem votações muito superiores,

como Vox na Espanha (15% dos votos em 2019), Chega em Portugal (7% em 2022), Partido da Liberdade da Áustria (16% em 2019).

Frequentemente o Batalhão Azov é citado como um exemplo da influência nazista no país. Formado em 2014 com voluntários para combater a agressão russa no Donbass e foi incorporado à Guarda Nacional ucraniana. Dentro dele há vários agrupamentos, sendo o principal o Corpo Nacional, de fato de extrema-direita, que lançou uma candidatura própria recentemente às eleições ucranianas e fracassou completamente, com uma votação absolutamente inexpressiva. Estima-se que esse grupo de extrema direita seja pouco mais de 10% do batalhão.

POR QUE NÃO SE FALA DO NAZIFASCISMO NA RÚSSIA?

Se a extrema-direita é marginal na Ucrânia, o mesmo não se pode dizer da Rússia. Estudiosos do tema consideram que a Rússia é o país com mais militantes de extrema-direita e diretamente fascistas em todo o mundo. Se existe o Batalhão Azov na Ucrânia, na Rússia há o Grom, o Rusich (que utiliza como símbolo a kolovrata, a suástica eslava), o Unidade Nacional Russa, o The Hawks, o DPNI, todos atuando com milhares de paramilitares no Donbass desde 2014. Há fotos desses grupos atuando na Ucrânia com a bandeira valknut, um símbolo de supremacistas brancos.

Todo 4 de novembro ocorre nas cidades russas a Marcha Russa, com ativistas de extrema-direita, monarquistas, grupos diretamente fascistas, contra imigrantes, islamofóbicos,



Marcha Russa, com o grupo nazista DPNI e Igreja Ortodoxa Russa

misóginos, racistas e LGBTfóbicos. Enquanto as manifestações de oposição na Rússia são violentamente reprimidas, as Marchas Russas ocorrem sob proteção da polícia.

Os grupos de extrema-direita são financiados por grandes bilionários e membros do alto escalão do governo Putin, como Ragozin, hoje chefe da RosCosmos. Segundo o portal jornalístico The Conversation, o Kremlin mantinha relações estreitas com Russkii Obraz, grupo neonazista que participava inclusive de discussões em canais estatais russos de TV. Os apoiadores de Putin enchem a boca para falar do "fascismo ucraniano" e se calam a respeito desses grupos fascistas russos.

FECHAMENTO DE PARTIDOS SUPOSTAMENTE DE ESQUERDA PROVA QUE UCRÂNIA É FASCISTA?

Um argumento bastante utilizado pelo neostalinismo é que o governo ucraniano proibiu o Partido Comunista, e agora com a guerra, proibiu vários partidos "de esquerda". Até Juliano Medeiros, presidente do PSOL, andou condenando o fechamento desses partidos.

Mas na Ucrânia, ao contrário da Rússia, há liberdade de organização partidária. Há mais

de 300 partidos políticos registrados no país. Depois da agressão russa de 2014, quatro partidos foram proibidos. Mas não por serem de esquerda. Foram proibidos o Partido Comunista Ucraniano e mais três partidos de direita. Não por sua linha ideológica, mas por apoarem a ditadura de Yanukovich e sua repressão contra o povo em Maidan, que custou mais de 100 mortos, e por chamarem abertamente a Rússia a invadir com tropas o seu próprio país.

Quando a Rússia anexou a Crimeia e ocupou parte do Donbass, esses partidos da Ucrânia apoiaram e colaboraram com essa agressão contra seu próprio país. Qual país do mundo permitiria partidos que colaborassem e apoiassem o inimigo que o ocupa militarmente?

Agora, durante a guerra, foram proibidas outras organizações ucranianas ditas de "esquerda". Mas esses partidos foram proibidos não por serem de "esquerda", mas por serem pró-Putin. Os partidos proibidos não se limitam aos partidos "de esquerda" pró-russos. Também incluem partidos oligárquicos influentes, sucessores do partido de Yanukovich, derrubado em 2014 pelos protestos de Maidan, e o OPZJ, o maior partido pró-russo da Ucrânia. Putin esperava contar com ele para formar um regime de

ocupação. Ou seja, não foram proibidos por serem "socialistas", mas por colaborarem com a invasão de seu próprio país e se prepararem para cumprir o papel de governo fantoche de Putin em caso de vitória da ocupação.

POR QUE NÃO DÁ PARA TER NEUTRALIDADE NA GUERRA?

A guerra de Putin é uma agressão nacional da segunda potência militar do mundo contra uma nação muito mais fraca, à qual quer submeter pela violência, com métodos de extrema crueldade. A intervenção russa na Ucrânia é a continuidade da guerra e ocupação sanguinária da Chechênia, do apoio direto ao ditador Lukashenko em Belarus e da intervenção militar no Cazaquistão em janeiro deste ano, para sufocar uma revolta popular contra a ditadura pró-russa. A agressão de Putin tem por objetivo o controle militar, econômico e político de um país que é um enorme celeiro, tem uma localização geográfica fundamental para o trânsito energético e comercial, e uma dimensão e recursos que o Kremlin estima como essenciais para seu projeto capitalista da Grande Rússia. Por isso é preciso apoiar e defender a resistência do povo ucraniano e derrotar militar de Putin.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3NEXQBQ](https://bit.ly/3NEXQBQ)**



Kolovrat, a suástica dos neonazistas russos

CONFIRA O ESPECIAL!



ESPECIAL

**A INVASÃO DE PUTIN
E A GUERRA NA UCRÂNIA**

mural

FOME, QUEDA DA RENDA E PRECARIZAÇÃO

Pesquisa mostra que 24% dizem que não tem comida o suficiente

Uma pesquisa do Datafolha mostrou que, pelo menos, um de cada quatro brasileiros não uma quantidade de comida disponível inferior à necessária para alimentar sua família. De acordo com o levantamento, 24% disseram que a comida foi insuficiente para suas necessidades. Outros 63% declararam que a quantidade foi suficiente, e 13% afirmaram que a quantia ficou acima do que seria necessário.

A sensação de insegurança alimentar é mais aguda para os mais pobres. Entre os que dispõem de até dois salários mínimos (R\$ 2.424) como renda familiar mensal, 35% conside-

raram a quantidade de comida em casa insuficiente.

Segundo a pesquisa, 13% dos que têm renda mensal de dois a cinco salários mínimos (R\$ 6.060) e 6% dos que recebem de 5 a 10 salários mínimos (R\$ 12.120) também disseram que faltou comida na mesa nos últimos meses. O Datafolha realizou 2.556 entrevistas em 181 municípios nos dias 22 e 23 de março.

Cada vez mais brasileiros utilizam lenha para cozinhar e se alimentam de gordura ou restos da carne, como única proteína que consegue comprar.

A crise econômica do país também fez um estrago na renda do

trabalhador a ponto de a soma de todos os salários dos 95 milhões de ocupados no país — o maior contingente desde o início da série histórica da pesquisa do IBGE — representar menos de um terço do Produto Interno Bruto (PIB).

De acordo com cruzamento feito pela Corretora Tullet Prebom Brasil, a fatia de rendimentos do trabalho correspondia a 35,4% do PIB em fevereiro de 2020, antes da pandemia, caindo para 30,2% em abril de 2021, auge dos casos de Covid-19 no país. A tímida queda da taxa de desemprego chegou fez com que a participação dos salários subisse apenas para 30,9% em janeiro deste ano.



De acordo com um estudo feito pela LCA Consultores, atualmente, são 33,8 milhões com esses baixos salários, 35,3% dos ocupados. Em março de 2020, eram 29,2%. Isso significa

que nunca teve tanta gente empregada ganhando até um salário mínimo. O que se combina com a precarização do mercado de trabalho, com informalidade e subemprego

PETROLEIROS

Companheiro Jiumar, Presente sempre!

No último dia 24 faleceu de Covid Jiumar Moreira do Carmo, sindicalista que esteve à frente do Sindpetro (PA/AM/MA/AP) e foi um dos mais destacados dirigentes desta entidade.

Foi um defensor da Petrobras 100% estatal sob controle e a serviço dos trabalhadores, contra os tubarões da privatização e contra todos os governos.

Jiumar dedicou grande parte de sua vida defendendo que toda a miséria, exploração e opressão que o capitalismo impõe sobre os trabalhadores só poderia ter fim com a destruição deste sistema econômico cruel e desumano. Defendeu nossa bandeira vermelha e a construção do PSTU por muitos anos de sua vida. Nunca deixou de lado coisas simples, mas imprescindíveis

ontem, hoje e amanhã, como sua tranquilidade, amabilidade e honestidade incomparáveis, era uma grande reserva moral nesta sociedade.

Queremos que sua família se sinta acolhida e que nossa solidariedade se estenda a ela e a seus amigos e companheiros de luta.

Companheiro Jiumar, Presente sempre. Até o Socialismo!



Jiumar Moreira do Carmo

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Companheiro Chicão, presente!

No último dia 28 faleceu o companheiro Francisco Patrocínio Neto, o “Chicão”, que era militante do PSTU de Jacareí (SP) e também assessor político do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região.

Com 54 anos da idade, Chicão nos deixa cedo demais, vítima de complicações após uma cirurgia

para retirada de um tumor, que descobriu há poucos meses. Uma partida repentina e precoce de um grande camarada.

Era militante do PSTU há 32 anos. Entrou para as fileiras do partido muito jovem, ainda na época da Convergência Socialista, e começou a militar no movimento estudantil. Mas, pos-

teriormente, foi no movimento operário que atuou, sempre junto com os trabalhadores e trabalhadoras em suas lutas.

Inteligente, estudioso, era fácil conversar com o companheiro sobre vários assuntos, sempre com a firmeza nos princípios classistas e da revolução socialista. Sentimos com muita tristeza

sua partida, mas sabemos que a lembrança de sua vida dedicada à luta dos trabalhadores, à defesa do partido revolucionário e do socialismo permanecerá.

Nos solidarizamos com sua companheira, familiares e amigos (as)!

Chicão, presente! Hoje e sempre, até o socialismo!



Chicão presente!